



Director literario:

António de Almeida
PAPIM

SUPLEMENTO INFANTIL DO JORNAL

O SECULO

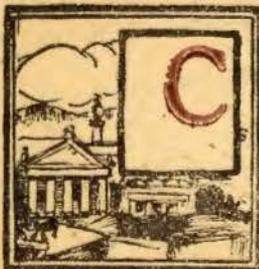
Director artistico:

Luís de Almeida
PAPUSSE



O CÃO E O GATO

■ ■ ■ DESENHOS DE E. MALTA ■ ■ ■



COSTUMA dizer-se de duas pessoas que não se entendem, que se dão mal: aquêles são como o cão e o gato.

Os «nhós-nhós» e os «béus-béus» andam muitas vezes nas ruas, aticando-os. Tudo provem da educação e até nos animais ela tem importância. O cão e o gato inimigos? Mas a Dona Maria de Lourdes tem um cãozinho branco, felpudo, um lindo bicho, com os olhitos muito encarnados que se dão tão bém!

De manhã vão encontrar o gato, o Taréco como lhe chamam, com a cabecita no lombo, do faz-tudo que é o nome do engraçado cãozinho.

Comiam no mesmo prato, bebiam da mesma tijela e nunca se zangaram um com o outro. Há



(Continua na página 8)

Não sejamos vaidosos

POR MIMI GRANDELA

DESENHOS DE EDUARDO MALTA



LOURENÇO era o mais vaidoso rapaz do seu colégio. Os condiscipulos não o podiam suportar.

Só falava nas suas grandezas e, como não era feio, fazia luxo na sua belêsa. Alguns rapazes faziam troça dêle, mas nada o corrigia.

Uma ocasião, estando êle com um grupo do seu colégio a conversar, chega-se uma pobre esfarrapadinha que lhes pede esmola.

Todos, conforme as suas posses deram à pobrezinha a esmola que esta lhes implorava, mas qual não foi o espanto de todos os rapazes ao verem Lourenço puxar por uma nota de 10 escudos e entregá-la com um certo «aplomb» à pobre.

Esta nem queria crer no que via.

Depois de perguntar uma segunda vez se era para ela tanto dinheiro, fugiu com tal rapidez que parecia um relâmpago.

Lourenço continuou conversando como se nada fôsse.

Cinco minutos decorridos, chega o criado de Lourenço que o vinha buscar.

O rapaz volta-se para o criado e diz-lhe que não precisa de companhia e que volte para casa.

— Está muito bem menino, respondeu o criado, mas a sua Mamã mandou-me que lhe dissesse, que se não esquecesse dos 10 escudos que lhe entregou, para o menino comprar os bolos para o chá e que se os gastar em qualquer coisa, depois em casa fala consigo e...

— Está bem, está bem, interrompeu Lourenço fazendo-se vermelho até às orelhas.

O criado retirou-se, mas Lourenço não ficou muito socego.

Que havia de dizer à Mãe com respeito aos 10 escudos que êle dêra à pobre?

No momento em que os deu, não pensou nas consequências que poderia ter aquela vaidade, mas agora sabia êle de certeza que apanhava um castigo.

Não era porque sua Mãe se zangasse com êle por ter dado o dinheiro a uma pobre, mas simplesmente porque ela sabia: quanto o seu filho era vaidoso e logo veria que Lourenço não dêra a esmola por caridade, mas sim por vaidade.

Lourenço despediu-se dos amigos e dirigiu-se para casa.

Quando estava quâsi a bater à porta, intimidou-se e resolveu, custasse o que custasse, arranjar os dez escudos e leva-los a sua Mãe.

Mas como os havia êle de os arranjar?

Ir à procura da rapariga, isso era impossível, pois nunca mais a encontraria.

De repente ocorreu-lhe uma ideia.





— Ó José diga ao menino Lourenço que traga cá o cavallo balancé, mas que se não demore, ordenou o senhor Andrade.

Mal o criado acabou de transmitir o recado a Lourenço, este fez-se pálido

E agora ? pensou o pequeno, que hei-de eu dizer a meu Pai ?

— Papá, disse-lhe ele, não encontro o meu cavallo.

— Então onde o puzeste tu ?

— Ele estava na casa dos brinquedos, mas agora já lá não está.

O criado José, que estava ao facto do que se passára, a custo reprimiu o riso.

Mas ao pai de Lourenço não passou despercebido a cara do criado.

— Tu sabes onde está o cavallo ? perguntou o senhor Andrade ao criado.

— Não, senhor Andrade, não sei, respondeu José.

— Mentos, bradou com uma pontinha de cólera o pai de Lourenço, diz-me já aonde ele está.

O criado, perante tal atitude, contou toda a verdade.

O senhor Andrade chamou o filho com severidade e disse-lhe diante de todos os convidados para o envergonhar

— «Lourenço, quando será que tu abandonas essa maldita vaidade ? Para castigo, só quando tu fôres simples e bondoso de verdade, te autorisarei a estreares a tua bicicleta. Perde esse feitiço meu filho, continuou o senhor Andrade em voz mais branda. Daqui a alguns anos, se continuares assim, não possuirás um único amigo e então te arrependerás quando já não houver remédio».

Lourenço comoveu-se com o que lhe disse seu Pai e prometeu não tornar a ser soberbo.

Se bem o prometeu, melhor o fez.

Hoje em toda a parte onde vai, é estimado e querido e não há ninguém que se atreva a dizer mal d'ele,

A Vaidade, é um dos 7 pecados mortais, e que Deus não perdôa.

Não sejamos vaidosos.

F I M



Vender o seu lindo cavallo balancé, o qual já estava pequeno demais para ele.

Dirigiu se novamente a casa, subindo pela escada de serviço para a Mãe não dar por ele.

Foi o José, o criado que ele mandara embora, que lhe abriu a porta, ficando deveras admirado de vêr entrar o menino pela porta de serviço.

la já a falar com Lourenço, quando este com um schiu... imperioso fez com que o José ficasse calado.

Correu à casa dos brinquedos e com o cavallo debaixo do braço resolveu ir à procura de alguém que lho quizesse comprar.

Como não arranjasse comprador, dirigiu-se à Casa de Saúde das Bonecas.

Com grande alegria viu Lourenço, que lhe davam 20 escudos pelo cavallo.

Correu a casa e entregando os 10 escudos à Mãe, e disse-lhe que já não havia dos bolos que ela queria, por isso os não tinha trazido.

A pobre senhora acreditou e o caso passou-se.

Em casa de Lourenço fa grande animação.

Como ele completasse nesse dia 14 anos, seus Pais haviam dado uma festa em honra de seu filho.

Lourenço recebera inumeros presentes, entre os quais uma bonita bicicleta que lhe ofecera seu Pai.

Estava radiante, e como o seu defeito de sempre o não abandonava, a vaidade, mostrava aos amigos que o iam felicitar a sua bicicleta, dando-lhes a entender que eles nunca possuiriam uma, que se igualasse à d'ele.

— Sabe uma coisa senhor Andrade ? perguntou um sujeito ao pai de Lourenço.

— Eu se estivesse no seu lugar não tinha comprado uma bicicleta para o meu filho,

— Então porquê ? respondeu o Pai de Lourenço.

— Porque o meu pequeno só com um cavallo balancé que eu lhe comprei já caiu vezes sem conta, quanto mais se fôsse uma bicicleta.

— Pois olhe o meu Lourenço tem um d'esses cavalos balancés e que eu saiba nunca caiu d'ele. Quere-o vêr ? É muito interessante.

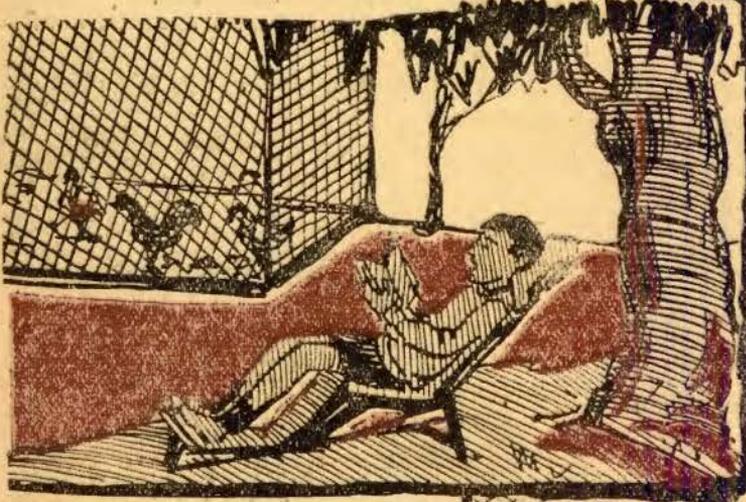
O RUI ENDIABRADO

Original de ZA-SOU

Desenhos de E. MALTA

É na escola o Rui um az
Sendo ao estudo dedicado,
Mas é mau como rapaz
Por ser muito endiabrado.

Tem na casa um bom quintal,
E noqueira mui frondosa,
Que dá sombra especial
Durante a estação calmosa.



É ali, na ocasião
Em que o Sol mais nos abraza,
Onde o Rui estuda a lição,
Por fazer calor em casa.

Quando acaba de estudar
Tem logo ideias daninhas,
E vai sempre esturdiar
Com as pobres das galinhas,

Assim, indo à capoeira
Logo põz na rua o gado
Preparando a brincadeira
A surtir bom resultado.

D'uma cana, faz cavalo,
Inda d'outra, um pampilho,
Para assim lhe dar regalo,
O projectado sarilho.

E as aves por seu mal,
Depressa mudam de raça,
dando voltas no quintal,
Como os touros vão à praça.

E numa doida corrida,
Atraz d'elas vai gritando
E só pára de tal lida.
Em o fôlego faltando.



Acabada tal canceira
Que todas sentem por certo,
Assim vão para a capoeira
Estafadas, bico aberto.

Dizendo uma cheia d'ira,
D'entre todas mais cansadas,
— É a paga que se tira,
De lhes fornecer gemádas.

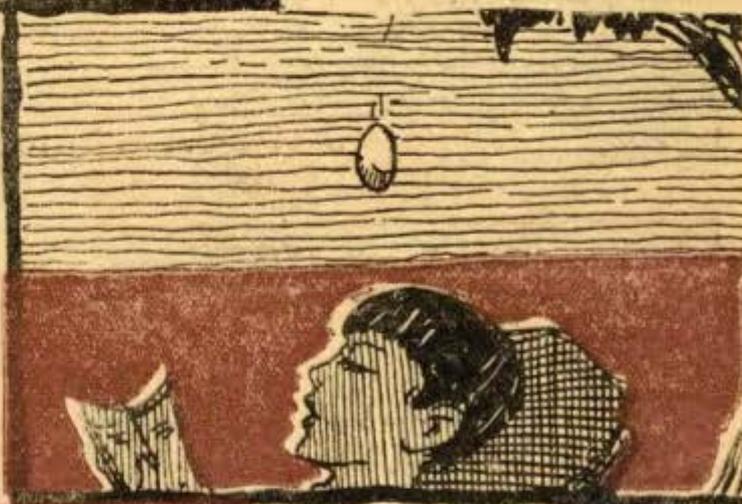


«Deixa estar grande *marau*
«Eu t' ensinarel um dia,
«Has-de apanhar um *quinau*
«Em troca da *judiaria*».

D'uma vez que o viu estudando,
Ela foi bem *surrateim*,
E muito ágil, voando,
Para cima da *noqueira*.

Logo n'um ramo *pouzeu*,
Com *espertez* a *sagar*,
E então lá se *aconchegou*,
Na *prumada* do rapaz.

Logo um ovo se viu *surdir*
E tomando aquela *linha*
Certeiro *lhe'foi cair*,
Mesmo em cheio sobre a *pinha*.



Êle que tinha *estreado*
Nêsse dia um *fato* belo,
Desgostoso o viu *barrado*
Com o branco e *amarelo*.

E assim *Rui* *endiabrado*
Por ser mau o que *colheu* ??...
Com o *fato* em tal estado,
Não poudé ir ao *Colisen*!



F I M

INDIFERENÇA

MUSICA DE RAUL REIS

PARA BANDOLIM OU VIOLINO



FLM

CANTO



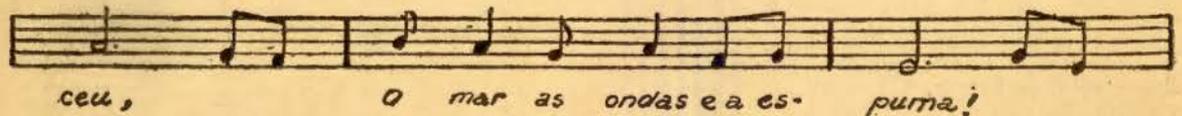
Não te-nho dez-reis de meu Mas não me faz falta al-



guma Não te-nho dez-reis de meu



Mas não me faz falta al-guma Pois tenho a ter-ra e o



ceu, O mar as ondas e a es-puma!



Pois tenho a ter-ra e o céu, O mar as ondas e a es-puma!

Raul

QUADRAS

I

Não tenho dez reis de meu,
Mas não me faz falta alguma,
Pois tenho a terra e o céu,
O mar, as ondas e a espuma!

II

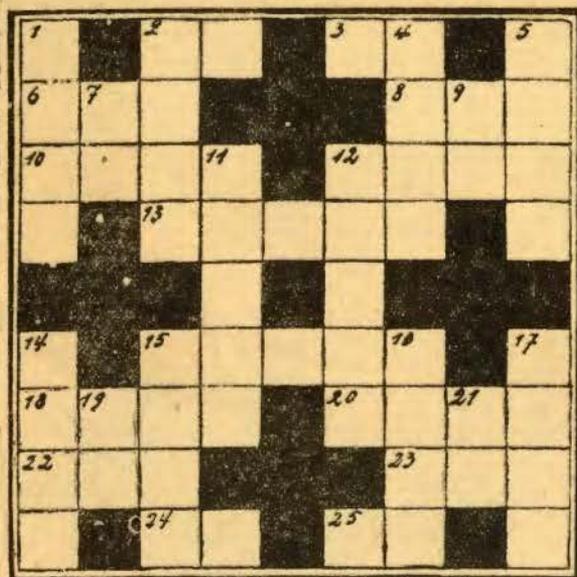
Só com a côdea de pão
que eu ganho com meu suor,
minha riqueza é maior
do que a do Rei Salomão!

III

A minha riqueza é ouro:
— o ouro da luz do sol;
faz parte do meu tesouro
o canto dum rouxinol!

HORA do RECREIO

Palavras cruzadas



Lista das palavras

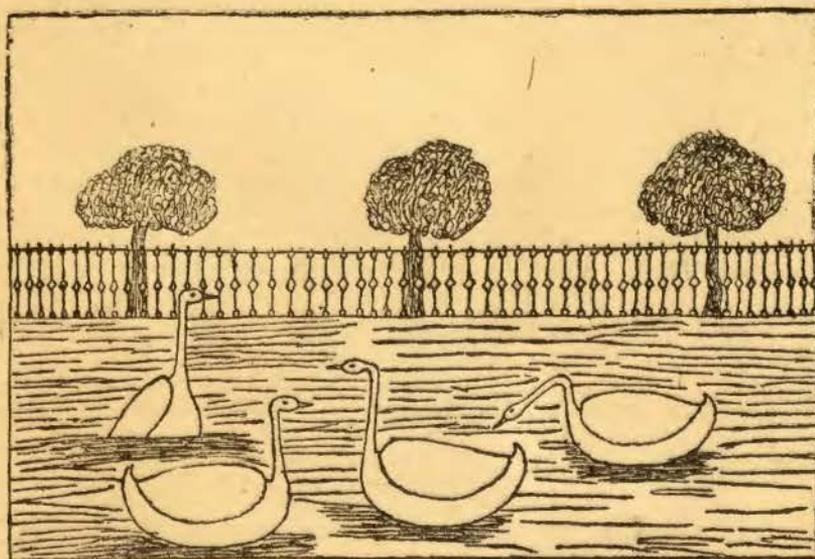
Horizontalmente:

2, Balido; 3, preposição; 6, adora; 8, partida; 10, moeda italiana; 12, afecto; 13, levanto; 15, jogo; 18, nas aves; 20, resar; 22, chefe duma nação; 23, parente; 24 carta; 25, membro do corpo.

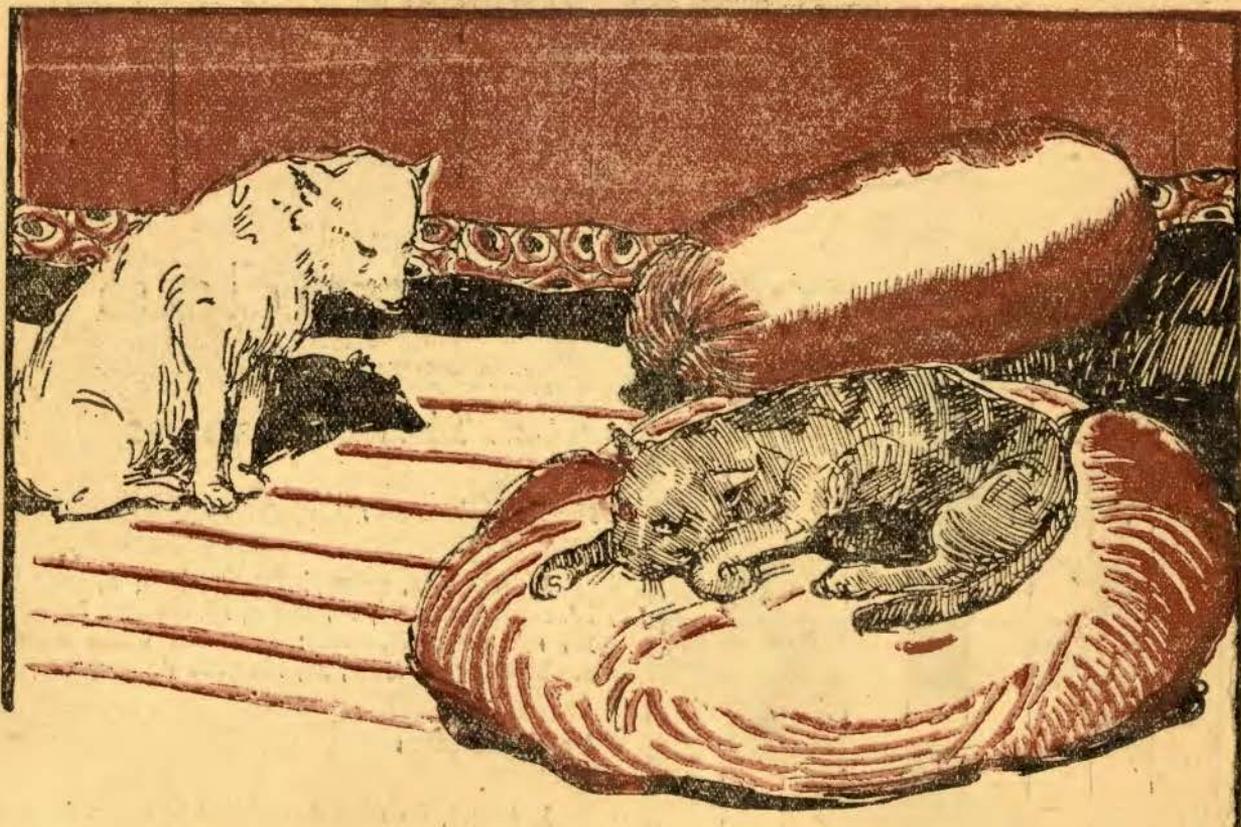
Verticalmente:

1, Ave; 2, do mar; 4, carinho; 5, nome de mulher; 7, nota; 9, pena; 11, espiritos; 12, avarento; 14, cidade; 15, nas cavaliças; 16, ofício; 17, frente do navio; 19, catedral; 21, suspiro.

Colaboração infantil



Desenhos dos meninos Antonio Pinheiro Queimado, 10 anos, e Raul Moreira Pedrosa, 8 anos.



Continuação do conto "O cão e o gato,"

dias adoeceu o Taréco, não queria comer, só bebia água, muita água e pôz-se tão magrinho, que fazia péna a quem o via. Os pequenos de D. Maria de Lourdes atiraram ao bichano com uma bolinha de papel, mas ele olhava, olhava com tristeza e nem se levantava. Antigamente corria atrás das bolas, dava muitas cambalhotas, punha-se em pé e caía de costas em cima da bola, pespegava-lhe umas sapatadas e assim andava durante muito tempo.

O Faz-tudo andava triste também. O seu companheiro de alegria e de paródia estava doentinho. Passaram-se mais uns dias e veio um veterinário vêr o que tinha o Taréco, mas era tarde já, porque o galito já muito magrinho, numa manhã de lindo sol quando os gatos vadios da rua davam cambalhotas atrás das folhas sêcas que que caíam das árvores. O Faz-tudo nunca mais

saiu de ao pé do seu amigo e deixou de comer, dava uns uivos que faziam impressão a toda a vizinhança. Ninguém viu mais o cão a brincar, os seus olhos estavam embaciados e andava sempre a cheirar a almofada de pênas em que o Taréco dormia de papo para o ar. E o cão roído de desgosto morreu também daí a pouco tempo.

Eram tão amigos. Ensinaram-nos a gostar um do outro! Ao contrário do que fazem os garotos os dônos da casa aproximaram-nos, e eles sentiam amizade um ao outro. Tal e qual como nas pessoas. Muitas vezes não há razão para ódios e desconfianças, mas o mundo intriga e separa as boas almas. Não. O cão e o gato não são inimigos. Os homens é que os fazem maus, desafiando-os.

Taréco e Faz-tudo são um bom exemplo. Sirva de lembrança a quem em lugar de espalhar a bondade só sabe criar as paixões e as antipatias.

F I M

ADIVINHAS

- 1— Qual a terra portuguesa que serve para as crianças urinarem?
- 2— Qual a terra portuguesa que simbolisa a esperança?
- 3— Qual a ilha portuguesa que é tambem um mês?
- 4— Qual a terra portuguesa que se aplica em certas doenças?
- 5— Qual a terra portuguesa mais deliciosa que pode haver?

- 6— Qual a terra portuguesa que é farmacia?
- 7— Qual a ilha portuguesa que e tá na côrte?
- 8— Qual a terra portuguesa que serve de tonel?
- 9— Qual a terra portuguesa que eatá nas frutas de conserva?

Morenita,

Brevemente daremos a solução das adivinhas anteriores.